



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

COMPORTAMENTO VERBAL: UMA REVISÃO DE ESTUDOS EXPERIMENTAIS SOBRE AUTOCLÍTICOS¹

Cássio Cassimiro²

RESUMO

Este estudo aborda o operante verbal autoclítico, uma classe proposta por Skinner (1957) que modela a função de outros comportamentos verbais. A pesquisa revisa as principais investigações experimentais sobre esse comportamento, com o objetivo de analisar os principais aspectos investigados, tanto no que se refere à estruturação dos estudos, quanto no seu conteúdo propriamente dito. Os principais delineamentos utilizados para o estudo deste operante verbal assim como aspectos relacionados aos procedimentos experimentais foram analisados. A direção prioritária dos estudos destinados ao maior entendimento dos autoclíticos também foi analisada, assim como a participação deste operante verbal no estabelecimento de processos outros processos comportamentais, tais como a discriminação condicional, o estabelecimento de comportamentos não verbais, a tolerância à dor e a tomada de decisões. Embora os resultados demonstrem, de forma consistente, a participação do autoclítico em diversos processos, diferenças relacionadas principalmente à constituição do contexto experimental dos experimentos, indicaram a desejabilidade de investigações adicionais que contenham metodologia especificamente desenvolvida para avançar na ampliação do conhecimento sobre este operante verbal. Conclui-se, a partir deste trabalho, a relevância dos autoclíticos no campo da Análise do Comportamento, bem como aponta-se direções para futuras pesquisas sobre (1) as variáveis envolvidas na aquisição e manutenção deste repertório verbal e, também, (2) a amplitude participação do autoclítico em processos comportamentais diversos. Os achados apresentados tiveram como finalidade sistematizar o avanço teórico da área, oferecendo um panorama das principais abordagens sobre o tema e destacando suas implicações para a prática acadêmica e profissional.

Palavras-chave: Comportamento verbal; autoclítico; estudos experimentais; variáveis independentes; variáveis dependentes

INTRODUÇÃO

A linguagem é um elemento central na psicologia, podendo ser compreendida como a principal ferramenta que possibilita o exercício deste campo profissional, uma vez que é por meio dela que a comunicação e a expressão das experiências humanas é compartilhada. A relevância do estudo e

¹ TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

²* Cássio Antônio Da Silva Cassimiro – cassiocassemiro@hotmail.com

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

compreensão da linguagem para a Psicologia é demonstrado pelos esforços que as diversas escolas psicológicas têm empreendido em relação à compreensão dos mecanismos por meio dos quais a linguagem se desenvolve e como ela afeta os demais processos psicológicos. Embora, cada matriz teórico-metodológica vigente na Psicologia tenha uma perspectiva única sobre a origem e definição da linguagem, o que resulta na eleição de diferentes metodologias e critérios de validação do conhecimento produzido acerca deste fenômeno, a relevância da linguagem para a compreensão dos fenômenos psicológicos é consenso entre os mais diversos modelos explicativos pertencentes ao domínio da Psicologia.

A Análise do Comportamento é uma das matrizes psicológicas que desde a sua proposição, empreendeu e ainda empreende esforços substanciais para a ampliação do conhecimento sobre a linguagem, melhor compreendida, segundo este modelo como comportamento verbal. O comportamento verbal, segundo Skinner (1957) seria suficientemente compreendido como um comportamento operante, ou seja, resultado da interação entre o organismo e o ambiente. Nesta proposição o comportamento verbal é estabelecido e mantido pelas consequências que produz, consequências estas mediadas por outra pessoa, um membro da comunidade verbal do falante, um ouvinte (Skinner, 1957). Skinner (1957) desenvolveu uma taxonomia do comportamento verbal levando em conta as condições ambientais relacionadas à ocorrência de cada conjunto verbal, enfatizando a função e não a topografia, das diferentes classes verbais. A proposição desta taxonomia permitiu o estudo do comportamento verbal por meio da metodologia experimental de produção do conhecimento, enfatizando a possibilidade de estudo deste fenômeno como um evento natural, prescindindo da utilização de termos não naturais em sua definição.

Entre as classes verbais propostas pelo autor, é de interesse prioritário para este trabalho o operante verbal autoclítico. O autoclítico foi definido como um operante verbal secundário que, associado a outro operante verbal resulta na modulação dos efeitos deste operante, denominado primário, em termos dos

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

seus efeitos no ouvinte (Skinner, 1957; Hübner *et al.*, 2013). Em um exemplo, a sentença “Faça a sua apresentação oral” seria originalmente um mando, uma resposta verbal que especifica o reforçador resultando em ações específicas do ouvinte. A mesma sentença acrescida de um autoclítico, tal como, “Faça sua apresentação oral rapidamente” ou “Faça o mais breve possível” modula os efeitos da sentença inicial sobre o ouvinte, alterando os efeitos desta produção verbal sobre o ouvinte que, certamente, iniciaria a apresentação oral mais rapidamente.

O presente estudo teve como finalidade o estudo do operante verbal autoclítico compreendido tal como proposto por Skinner (1957) o que equivale a dizer que a compreensão do comportamento como elemento natural, a metodologia experimental, e a previsão e o controle como critérios de produção do conhecimento foram as balizas norteadoras deste trabalho. A apresentação do fenômeno, a seleção do material bibliográfico, a compreensão, a definição e as discussões sobre o autoclítico apresentadas nesta produção partiram, portanto, da compreensão do comportamento tal como proposta pelo referencial da Análise Experimental do Comportamento (Baum, 1999/2019).

Quanto à caracterização, o presente trabalho é de natureza qualitativa. Considerando as bases filosóficas e epistemológicas que fundamentam a proposta de compreensão e estudo do comportamento pela Análise do Comportamento, contudo, priorizou-se a análise e descrição de artigos que utilizaram a metodologia experimental. O objetivo geral desta produção foi sistematizar as principais investigações e os principais resultados provenientes do estudo experimental do operante verbal autoclítico, em termos do tipo de autoclítico investigado, das variáveis independentes relacionadas à sua investigação e dos principais resultados encontrados. Informações complementares, tais como a metodologia por meio da qual o autoclítico fora investigado, a composição da população de cada estudo, entre outros, foram também abordados.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

A pergunta de pesquisa que norteou este estudo é dirigida à forma por meio da qual o operante verbal autoclítico tem sido estudado pelo modelo de investigação experimental do comportamento. Caracterizando-se como operantes verbais secundários, os autoclíticos não atuam isoladamente, mas influenciam outros operantes verbais tais como tatos, mandos ou intraverbais, então qualquer estudo do autoclítico envolve, necessariamente, a interação entre este operante verbal e o operante verbal primário com o qual se relaciona, o que adiciona complexidade à condução de investigações experimentais envolvendo este operante verbal. Este e outros aspectos relacionados ao autoclítico parecem constituir dificultadores para que, embora reconhecido como uma categoria verbal importante, seja relativamente pouco estudado (Santos e Souza, 2021). A síntese e mapeamento resultantes deste trabalho podem oferecer uma visão atualizada sobre o estado da investigação experimental do autoclítico, eventualmente apontando lacunas que ainda precisam ser investigadas em estudos futuros, contribuindo, assim, para que uma agenda de pesquisa sobre o autoclítico possa ser estabelecida, tanto no que se refere ao avanço do conhecimento acadêmico quanto na aplicação da análise do comportamento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Relevância do Estudo da Linguagem na Psicologia

A linguagem constitui um componente central na psicologia de vez que é por meio dela que a comunicação e expressão das experiências humanas se torna possível. No contexto de atendimento clínico individual, por exemplo, além do cliente e do terapeuta, a linguagem é um elemento essencial para que uma relação eficaz se estabeleça. A linguagem pode ser analisada a partir de diferentes modelos explicativos na Psicologia, tal como o modelo psicanalítico, o modelo fenomenológico, o modelo comportamental, entre outros. Cada modelo

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

oferece uma base teórico-filosófica para compreensão da linguagem, assim como uma definição e uma perspectiva única sobre a origem, o estabelecimento e a função deste processo psicológico.

O modelo psicanalítico concebe a linguagem como um recurso para a expressão do inconsciente. Freud (1900) argumenta que a linguagem não apenas comunica pensamentos, mas também revela desejos ocultos e conflitos internos. O ato de falar, segundo o autor, é uma forma de trazer à consciência conteúdos que, de outra forma, permaneceriam reprimidos. Essa relação entre linguagem e inconsciente é fundamental para a prática clínica psicanalítica, na qual a interpretação dos sonhos e das associações livres permitiria um entendimento supostamente mais profundo da psique humana (Freud, 1900).

O modelo fenomenológico enfatiza a importância da linguagem na construção da experiência subjetiva do indivíduo. Rogers (1961) considera que a comunicação autêntica e empática é crucial para o processo terapêutico, pois possibilita ao cliente explorar suas emoções e experiências sem medo de julgamento. Nesse contexto, a linguagem atua como uma ponte que conecta o terapeuta ao cliente, facilitando a compreensão mútua e promovendo o crescimento pessoal. A abordagem fenomenológica ressalta a importância da vivência subjetiva e da expressão verbal como ferramentas essenciais para a auto exploração e o autoconhecimento (Rogers, 1961).

O modelo Cognitivo-Comportamental (TCC) compreende a linguagem como um elemento central na formação das crenças de um indivíduo, no estabelecimento de seus padrões de pensamento e, também, na modificação de padrões disfuncionais. Beck (1976) argumenta que a forma como os indivíduos verbalizam suas experiências, as interpretações sobre as próprias experiências, podem modular de modo significativo as suas emoções e comportamentos. Assim, na TCC, o terapeuta colabora com o cliente para identificar e reestruturar padrões de pensamento alternativos, promovendo uma comunicação mais

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

adaptativa. Dessa maneira, a linguagem torna-se uma ferramenta essencial para a transformação cognitiva e emocional do indivíduo (Beck, 1976).

A Análise do Comportamento, modelo teórico que norteou este trabalho, compreende a linguagem como um comportamento operante que, assim como qualquer outro, é estabelecido e mantido pelas consequências que produz. À exceção de as consequenciais do comportamento verbal serem necessariamente mediadas por outra pessoa – o ouvinte – todas as demais características deste fenômeno são coincidentes com aquelas descritas pelo modelo operante de comportamento. Por meio do estudo do comportamento verbal, Skinner (1957) destacou a influência das interações sociais e do ambiente na aquisição e no uso da linguagem, melhor definida como comportamento verbal. Fundamentado em uma perspectiva analítico-comportamental, o presente trabalho, enfatiza a importância do contexto no estabelecimento e na manutenção do comportamento verbal, sugerindo que a linguagem é uma habilidade que pode ser aprendida e, portanto, ensinada, e também modificada por meio do manejo das variáveis das quais ela é função (Skinner, 1957).

Compreensão do Modelo

A compreensão do comportamento verbal, segundo Skinner (1957), reflete a visão de que a linguagem se desenvolve na interação entre as ações do indivíduo e as condições ambientais – imediatas e históricas – nas quais ocorre, opondo-se à utilização de explicações inatas, cognitivistas ou mentalistas. Nas palavras de Zilio e Carrara (2008, p. 406):

“Da inexatidão da linguagem mentalista pode resultar, também, a criação de construtos mentais que, na realidade, não existem. Isto é, devido ao fato de que não há uma relação direta entre os termos mentais e os fenômenos referenciados – daí a inexatidão – pode-se criar uma referência de um termo mental a algo que, de fato, não existe (Zilio e Carrara, 2008, p. 406).”

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

A adoção de uma definição funcional do comportamento verbal permite absorver sob este rótulo uma ampla variedade de fenômenos, não sendo restrita, portanto, a fenômenos vocais. Em um exemplo, desejando saber as horas, perguntar verbalmente “que horas são”, indicar repetidamente o pulso (o lugar onde fica o relógio) ou redigir via mensagem de texto “horas?” são todas estas ações instâncias de comportamento verbal. A abordagem funcional de Skinner (1957) oferece, portanto, uma base conceitual sólida para investigar como o comportamento verbal se manifesta em contextos sociais seguindo princípios empiricamente sustentados pela ciência.

Para que o comportamento verbal se configure, é imprescindível a presença de um mediador e de um ouvinte, ambos pertencentes à mesma comunidade verbal. Isso corresponde ao que Skinner (1957) descreve como o 'episódio verbal completo'. Além disso, Skinner (1992/1957) propõe que o comportamento verbal possa desempenhar diferentes funções, dependendo das respostas do ouvinte. Ou seja, as consequências geradas em função do comportamento do falante são determinadas por operações estabelecedoras ou estímulos discriminativos (Gomes, 2020).

Para compreender os operantes verbais, suas configurações e os processos envolvidos, é necessário, primeiramente, considerar alguns aspectos sobre o comportamento verbal. De acordo com Skinner (1957), o comportamento verbal é um comportamento operante que ocorre quando um indivíduo se comporta e há a mediação de outro, isto é, seguindo o modelo da contingência de três termos ou tríplice contingência, no qual há influências de estímulos antecedentes e subsequentes que afetam a probabilidade de sua ocorrência. Em outras palavras, o comportamento verbal altera o ambiente e, ao mesmo tempo, é modificado por essas alterações, caracterizando-se, assim, como um comportamento operante. Este, por sua vez, é definido como ações que são modeladas e mantidas por suas consequências. Dessa forma, a relação funcional com o ambiente determina quais comportamentos, seguidos de

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

reforços, tendem a ocorrer com maior frequência, enquanto aqueles seguidos de punições têm sua frequência reduzida (Baum, 2019).

Ainda destacando sobre a noção de comportamento, é imprescindível tomar como conhecimento a compreensão da seleção natural. Nesta compreensão, todo o repertório apresentado por um indivíduo em um dado momento, seja ele benéfico ou não, é resultado de uma história de seleção que envolve os níveis filogenético, ontogenético e cultural. Estes três níveis explicam a singularidade comportamental de cada indivíduo, isto é, o comportamento operante que se consolidou por intermédio de variações de consequências que selecionaram comportamentos no tempo em que desenvolve a vida do indivíduo (Lopes Júnior, 1994).

O Método Experimental de Estudo do Comportamento

O método experimental é uma abordagem fundamental no estudo do comportamento, especialmente dentro do behaviorismo. Segundo Baum (2019), a pesquisa experimental pressupõe o controle rigoroso das variáveis envolvidas, possibilitando a análise de relações causais entre o comportamento e as condições ambientais. Nesse contexto, o behaviorismo foca na observação de comportamentos diretamente mensuráveis, evitando especulações sobre processos mentais internos.

A noção experimental normalmente envolve a manipulação de variáveis independentes – as variáveis ambientais – para observar seus efeitos sobre variáveis dependentes, geralmente comportamentos. Um exemplo claro do uso do método experimental no estudo do comportamento verbal pode ser encontrado na análise do operante verbal conhecido como "mando". O mando refere-se a uma solicitação ou comando que um indivíduo emite em resposta a uma necessidade ou desejo específico, geralmente expressando uma requisição por algo que ele deseja (Skinner, 1957, p. 30).

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Em um exemplo, considere um experimento onde um pesquisador deseja estudar a emissão de mandos em crianças. O pesquisador pode criar um ambiente controlado, apresentando um objeto desejado (por exemplo, um carrinho de brinquedo) a uma criança. A variável independente, neste caso, seria a presença do brinquedo. O pesquisador poderia observar se a criança emite um mando, como "quero brincar com o carro", em resposta à presença do objeto. Se a criança emite o mando quando o brinquedo está visível, mas não o faz quando o brinquedo está oculto, isso indica que o comportamento do mando está diretamente relacionado à presença do estímulo de observação que, neste caso, é também o estímulo reforçador.

Baum (2019) enfatiza que a análise do comportamento verbal deve levar em consideração as consequências desse comportamento, uma vez que as respostas são frequentemente moldadas pelas interações com o ambiente. Portanto, se a criança receber o brinquedo após emitir o mando, isso reforça a probabilidade de que ela repita esse comportamento em situações semelhantes no futuro. Assim, o mando não apenas serve como um operante verbal, mas também é um exemplo de como o método experimental pode revelar as relações entre comportamento e reforço em um contexto controlado.

Critérios de Validação do Conhecimento: Previsão e Controle

No behaviorismo, existem critérios fundamentais para a validação do conhecimento: descrição, previsão e o controle do comportamento (Skinner 1953). Postulando aqui a previsão e o controle – esses objetivos centrais são essenciais para entender como o comportamento humano pode ser analisado e influenciado de forma sistemática. A previsão permite antever comportamentos com base em variáveis específicas, enquanto o controle envolve a capacidade de manipular essas variáveis para obter resultados desejados (Moreira e Medeiros, 2019).

Previsão

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

A previsão é um objetivo central na análise do comportamento, pois envolve a capacidade de antecipar a ocorrência de um comportamento com base em condições ambientais pré-estabelecidas. Por exemplo, ao estudar o operante verbal "mando", podemos prever que uma criança irá emitir um pedido (como "quero brincar com o carro") quando um brinquedo desejado está visível. Essa previsão baseia-se na compreensão de que, em contextos anteriores onde o brinquedo estava presente, a criança já havia aprendido a emitir mandos em busca de reforços. A previsão é validada quando a hipótese formulada se concretiza em condições experimentais. Se a criança consistentemente emite mandos em situações em que o reforço está disponível, isso indica que a análise do comportamento verbal é eficaz em prever sua resposta (Skinner, 1953).

Controle

O controle, por sua vez, refere-se à capacidade de manipular variáveis para influenciar comportamentos de maneira intencional. No mesmo exemplo do operante verbal "mando", um pesquisador pode controlar o ambiente ao apresentar ou retirar o brinquedo, observando como isso afeta a emissão de mandos. Se o pesquisador introduzir o brinquedo e, em seguida, observar um aumento na frequência de mandos da criança, isso demonstra que o controle das condições ambientais teve um impacto direto sobre o comportamento verbal Skinner (1952/1957).

Baum (2019) ressalta que o controle não se limita à observação passiva, mas envolve intervenções que buscam modificar a probabilidade de ocorrência de um comportamento. Por exemplo, ao reforçar a criança com elogios ou acesso a outros brinquedos toda vez que ela emite um mando apropriado, o pesquisador pode aumentar a frequência desse comportamento no futuro.

Introdução aos Operantes Verbais

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

No comportamento verbal, existem distintos aparatos que se diferenciam e desempenham funções específicas, dependendo das necessidades e consequências associadas a eles. Skinner (1957) classificou os comportamentos verbais em diferentes tipos de operantes, com base nas contingências e nas relações de causa e efeito entre as variáveis envolvidas e as respostas verbais geradas. Esses operantes verbais são fundamentais para entender como o comportamento verbal se manifesta e é reforçado no ambiente social.

Os operantes verbais podem ser classificados, de acordo com Skinner (1957), em operantes verbais temáticos e operantes verbais formais. Os operantes verbais temáticos estão diretamente relacionados ao conteúdo e à função da comunicação. Eles são utilizados para expressar necessidades, desejos ou informações sobre o mundo, e o foco recai sobre a relação entre o falante e o que está sendo comunicado. Um exemplo de operante verbal temático é o mando, que se refere aos pedidos ou solicitações feitas em resposta a uma necessidade. Por exemplo, ao pedir água quando se está com sede, o reforço é a satisfação dessa necessidade (Skinner, 1957, p. 30). Outro exemplo é o tato, que envolve descrições ou comentários sobre o ambiente, como ao dizer "olha o cachorro" ao observar um cão. Esses comportamentos são reforçados pela atenção ou pelo feedback social que o ouvinte oferece (Skinner, 1957, p. 35). Já os intraverbais são respostas verbais que não estão diretamente ligadas a um estímulo visual ou auditivo, como, por exemplo, ao responder "Sim!" a uma pergunta sobre o bem-estar de alguém (Skinner, 1957, p. 45).

Os operantes verbais temáticos, conforme proposto por Skinner (1992/1957), podem ser classificados em primários e secundários. Os tatos, mandos e intraverbais são operantes verbais primários. Os autoclíticos são classificados como operantes verbais secundários ou de segunda ordem porque somente se manifestam associados a outro operante verbal. O uso de plurais, a concordância verbal e as flexões de número e gênero são alguns exemplos entre a variedade de autoclíticos possível.

**UNIPAC**Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Segundo Skinner (1957), os autoclíticos podem interagir de maneiras complexas com outros operantes verbais, formando uma rede de respostas que não são apenas controladas por estímulos ambientais, mas também por outros operantes verbais. Essa interação entre os operantes verbais cria um sistema de respostas mais sofisticado, no qual um conjunto de respostas pode atuar como variável de controle para outro. Nesse contexto, Skinner descreve como as respostas autoclíticas podem se tornar um antecedente para a modulação de outros tipos de respostas verbais, como os tatos, mandos ou intraverbais. Por exemplo, uma flexão de número ou a concordância verbal pode antecipar a resposta de um tato, modificando sua emissão conforme o contexto verbal previamente estabelecido. Assim, os autoclíticos não apenas se associam a outros operantes verbais, mas também contribuem para o controle discriminativo e a organização funcional das respostas em sistemas mais complexos de comunicação verbal.

Os autoclíticos foram definidos por Skinner (1957) como operantes verbais que alteram a função ou a intensidade de um enunciado ao qual estão associados, oferecendo informações adicionais que alteram a resposta do ouvinte em uma interação. Skinner categorizou os autoclíticos em quatro tipos principais: descritivos, qualificadores, quantificadores e relacionais. Os autoclíticos descritivos têm a função de adicionar informações contextuais sobre diversos eventos, detalhando aspectos que contribuem para uma representação mais precisa da realidade. Por exemplo, na frase "Eu vi um pássaro azul", o autoclítico "azul" não apenas descreve a cor do pássaro, mas também enriquece a percepção do ouvinte sobre a experiência relatada. Assim, a inclusão de um autoclítico descritivo resulta no aumento da precisão da comunicação, promovendo uma compreensão compartilhada da experiência (Skinner, 1957, p. 378).

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Os autoclíticos qualificadores expressam a atitude do falante em relação à proposição, evidenciando grau de certeza, dúvida, desejo ou outros estados afetivos. Eles qualificam o fato, por exemplo, de forma a modificar a intensidade ou a direção do comportamento do ouvinte. Um exemplo disso é a frase "Eu provavelmente vou ao cinema", onde o autoclítico "provavelmente" indica a probabilidade da proposição "vou ao cinema" ocorrer, uma ação provável, mas incerta, neste exemplo. Esse tipo de modificação verbal permite que o falante se posicione de forma mais alinhada ao seu estado emocional ou ao contexto da comunicação, refletindo a natureza dinâmica do comportamento verbal (Skinner 1957, p. 385).

Quanto aos autoclíticos quantificadores, sua função é especificar a quantidade ou a frequência de eventos ou propriedades dos eventos, possibilitando uma resposta mais adaptada do ouvinte. Eles adicionam uma dimensão numérica à comunicação. Por exemplo, na frase "Eu li vários livros neste mês", o autoclítico "vários" indica uma quantidade indefinida, mas significativa, influenciando a percepção do interlocutor, que pode se sentir mais interessado ou impressionado pela quantidade mencionada (Skinner 1957, p. 393).

Por fim, os autoclíticos relacionais têm a função de estabelecer conexões lógicas entre enunciados, permitindo que o falante formule relações causais, temporais ou condicionais entre diferentes proposições. Um exemplo é a frase "Se eu estudar, passarei na prova", na qual o autoclítico "se" introduz uma condição que relaciona o ato de estudar ao resultado de passar na prova. Esse tipo de autoclítico não apenas organiza a informação, mas também orienta o ouvinte sobre a relação de dependência entre as proposições, demonstrando como as ações do falante podem impactar os resultados (Skinner 1957, p. 397).

Hübner *et al.* (2013) definem o autoclítico como a expressão de "falar sobre o falar", sugerindo que ele seria uma forma de controlar, de maneira mais rica, as respostas do ouvinte. Em outras palavras, o autoclítico potencializa os

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

operantes verbais de primeira ordem, permitindo uma maior precisão na comunicação e um controle mais eficaz sobre a interpretação do interlocutor. No entanto, ao considerar essa definição, é possível questionar se, além de “potencializar” os operantes verbais, o autoclítico também poderia ser visto como uma ferramenta de negociação de significados, dado que ele não apenas influencia a resposta do ouvinte, mas também molda a construção do significado dentro de contextos específicos de comunicação. Nesse sentido, a função do autoclítico pode ser compreendida não apenas como um potencializador dos demais operantes verbais, mas como um processo interativo, que se adapta às dinâmicas de cada situação comunicativa.

Catania (1980) descreve os autoclíticos como uma ferramenta para estimular comportamentos em diferentes contextos, como discursos de líderes militares em tempos de guerra, discursos religiosos em missões de paz, ou discursos políticos para obtenção de votos ou adesão ideológica. Esses exemplos ilustram como os autoclíticos podem ser usados para direcionar e influenciar as ações e decisões dos interlocutores, refletindo sua capacidade de mobilizar as intenções do falante em cenários variados. No entanto, ao aplicar essa visão, é importante considerar que os autoclíticos podem exercer função de controlar ou induzir comportamentos a depender do contexto do seu uso, isto é, os autoclíticos podem estar imersos nas relações de poder e persuasão, sendo usados de maneira estratégica para conformar a percepção e as ações dos ouvintes. Nesse sentido, o autoclítico, ao mesmo tempo que controla, também pode ser uma ferramenta de manipulação discursiva, dependendo do contexto em que é utilizado (Hübner *et al.* 2013).

METODOLOGIA

O presente trabalho constitui uma investigação de natureza qualitativa. Segundo Denzin e Lincoln (2006, *apud*, Albuquerque, *et al.*, 2014), a pesquisa qualitativa é uma abordagem de pesquisa que se concentra na compreensão e



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

na interpretação de fenômenos complexos explorando a variedade das experiências humanas. Esta pesquisa tem como finalidade identificar e organizar a literatura de base experimental sobre uma classe específica de operantes verbais, os autoclíticos.

Trata-se de uma pesquisa de cunho exploratório, cuja finalidade é organizar a literatura já produzida sobre o fenômeno de interesse – o autoclítico – convergências e, não menos importante, as divergências nas investigações experimentais destinadas à compreensão deste operante verbal.

Em relação às fontes de consulta e organização da produção sobre a temática, o presente trabalho constitui uma revisão bibliográfica do tipo narrativa. Greenhalgh, Thorne e Malterud (2018) afirmam que:

“Uma *revisão narrativa* é um resumo acadêmico junto com interpretação e crítica. Ela pode ser conduzida usando uma série de metodologias distintas. Embora princípios e procedimentos possam divergir da metodologia clássica de revisão sistemática, eles não são assistemáticos (no sentido de serem *ad hoc* ou descuidados), e certamente podem ser conduzidos e apresentados de forma sistemática, dependendo do propósito, método e contexto (GREENHALGH; THORNE; MALTERUD, 2018, p. e12931)”.

A pesquisa e análise do material foram direcionadas principalmente pelo estudo anterior e interesse do autor sobre o tópico abordado neste estudo, não tendo como finalidade esgotar a discussão sobre a temática.

A fim de alcançar os objetivos propostos, uma busca preliminar utilizando os descritores Comportamento Verbal, Autoclíticos e Estudos Experimentais, assim como o cruzamento entre eles foi conduzida nas bases Google Acadêmico e Scielo, resultando na localização de nove artigos. Em um segundo momento, conduziu-se nova busca, esta mais dirigida, utilizando os mesmos descritores, em bases de dados específicas, tais como repositórios de trabalhos de pós-graduação e teses de doutorados nas Universidade de São Paulo (USP) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que tradicionalmente

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

se dedicam à investigação de eventos relacionados diretamente à temática central deste trabalho, os autoclíticos.

DESENVOLVIMENTO

Os autoclíticos enquanto operantes verbais de segunda ordem, podem influenciar tanto as respostas verbais, como a categorização de um evento ou a expressão emocional do falante, quanto respostas não verbais, como mudanças nas expressões faciais, gestos ou postura. Por exemplo, em um experimento onde o autoclítico qualificador "provavelmente" é utilizado, a resposta verbal "Eu provavelmente vou ao cinema" pode ser acompanhada de uma alteração no tom de voz ou na postura corporal do ouvinte, refletindo a incerteza expressa pela palavra "provavelmente". No entanto, além das respostas verbais, observa-se que o comportamento não verbal também pode ser modificado em resposta a essa indicação de incerteza, evidenciando a interação entre as duas classes de respostas (Skinner, 1957).

Os estudos de Hübner *et al.* (2008) e Sheyab *et al.* (2014), por exemplo, investigaram os efeitos de consequências verbais compostas por autoclíticos sobre a frequência de leitura em crianças em idade escolar. Hübner (2008) conduziram a investigação por meio de um delineamento de sujeito único com medidas repetidas. Sheyab *et al.* (2014) investigaram a mesma relação por meio de um delineamento de linha de base múltipla entre participantes. Os resultados de ambos os estudos foram convergentes, demonstrando que o emprego de consequências verbais autoclíticos subsequentes à resposta de leitura das crianças aumentou o tempo dedicado à leitura pelas crianças participantes.

Embora ambos os estudos tenham demonstrado que a consequência verbal envolvendo autoclíticos reforçou o tempo da resposta de leitura pelas crianças, os efeitos se apresentaram mais uniformes e consistentes no estudo de Sheyab *et al.* (2014), comparativamente ao estudo de Hübner *et al.* (2008). Sheyab *et al.* (2014) discutiram esta diferença em termos dos procedimentos

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

implementados nos dois estudos: enquanto no estudo de Hübner *et al.* (2008) os reforçadores foram administrados pontualmente, no estudo de Sheyab *et al.* (2014), os mesmos reforçadores foram produzidos por meio de reforçamento diferencial.

Em termos da composição da população dos estudos, o estudo de Hübner *et al.* (2008) envolveu cinco crianças, com idades entre 9 e 10 anos, que já sabiam ler, mas não demonstravam interesse pela leitura. Já o estudo de Sheyab *et al.* (2014) contou com quatro crianças, com idades entre 9 e 12 anos, todas com desenvolvimento típico e o árabe como língua principal. A diferença na composição da população dos estudos parece ter resultado em diferenças nos efeitos do reforço: no estudo de Hübner *et al.* (2008), quatro dos cinco participantes aumentaram o tempo dedicado à leitura, enquanto no estudo de Sheyab *et al.*, todos os participantes apresentaram um aumento significativo, com o tempo dedicado à leitura variando de 0% para quase 100%.

Em Athayde Neto (2022), o objetivo foi investigar os efeitos de diferentes tipos de reforço associados a descrições verbais em 10 crianças de 8 a 12 anos, com foco em como os autoclíticos qualificadores influenciam o comportamento verbal e não verbal, especialmente no contexto de leitura. A variável independente foi o tipo de reforço (tato puro versus tato distorcido), enquanto as variáveis dependentes envolveram a escolha do aplicativo de leitura (comportamento não verbal) e as descrições verbais qualificadoras (comportamento verbal autoclítico). O estudo adotou um delineamento de linha de base múltipla, com treino de tato e condição de teste. Os resultados indicaram que o reforço baseado em tato puro foi mais eficaz para aumentar tanto o comportamento verbal quanto o não verbal, destacando a importância da correspondência entre descrição verbal e comportamento observável para a modificação de comportamentos de leitura. Este estudo reforça a ideia de que a utilização de autoclíticos pode melhorar a comunicação e a execução de tarefas, como já observado em outras pesquisas.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

De maneira semelhante, Sousa (2022) também investigou os efeitos de estímulos verbais antecedentes, mas no contexto de modelação da dor. Utilizando a técnica de Cold Pressor Task (CPT), a pesquisadora manipulou as verbalizações antecedentes (autoclíticos) para investigar a relação entre estas variáveis e a tolerância à dor dos participantes. A variável independente foi o tipo de autoclítico verbal empregado: “a água está muito fria” e “a água está boa”; a variável dependente foi a tolerância à dor, medida pelo tempo de imersão das mãos na água gelada. Participaram do estudo 12 indivíduos adultos. O delineamento utilizado foi intra-sujeito, com contrabalanceamento de ordem. Os resultados indicaram que o autoclítico "muito frio" aumentou a tolerância à dor para a maioria dos participantes, sugerindo que o uso de autoclíticos qualificadores podem ter um efeito significativo na modelação de respostas fisiológicas, corroborando com a ideia de que a verbalização antecedente tem um impacto relevante sobre o comportamento não-verbal dos participantes.

O estudo de Gomes (2020) investigou os efeitos do uso de autoclíticos na modulação de comportamentos não verbais em crianças, particularmente no contexto de respostas de fuga. Por meio de dois experimentos que utilizaram delineamento de tratamentos alternados e linha de base múltipla com reversão, investigou-se os efeitos de diferentes tipos de autoclíticos (descritivos, qualificadores, quantificadores, de composição e gestuais) na emissão de comportamentos de fuga pelos participantes. Participaram do estudo, no primeiro experimento, 6 crianças com idades entre 8 e 9 anos, e do segundo, 12 crianças. A variável independente foi a presença dos autoclíticos e das consequências verbais, enquanto a variável dependente foi a taxa de respostas de fuga e a variedade das topografias dessas respostas. Os resultados indicaram que os autoclíticos aumentaram a taxa de respostas de fuga e ampliaram a diversidade de respostas não verbais, com destaque para os autoclíticos de composição e gestuais, sugerindo que esses tipos de autoclíticos têm um efeito mais robusto sobre o comportamento não verbal. Os resultados deste estudo

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

são convergentes com aqueles descritos por Athayde Neto (2022), no sentido em que demonstraram que o autoclítico pode facilitar a execução de comportamentos, verbais ou não verbais, dependendo do contexto e da forma de instrução empregados.

Carvalho (2023) investigou o autoclítico em uma direção distinta, porém complementar àquelas descritas anteriormente: a autora investigou as possíveis variáveis relacionadas ao emprego do autoclítico – o autoclítico “talvez” – definido como uma resposta de incerteza. Os participantes foram expostos a diferentes condições de controle de estímulos – forte e fraco – e também a diferentes condições de magnitude de reforçador – alta magnitude e baixa magnitude, com o objetivo de investigar sua influência sobre a frequência de emissão da resposta verbal “talvez”. Participaram do estudo 6 indivíduos adultos, estudantes universitários, que foram expostos às diferentes condições por meio de um delineamento experimental AB, com múltiplos casos e medidas repetidas. Os resultados demonstraram que a frequência de ocorrência do autoclítico “talvez” variou entre as diferentes condições de controle de estímulos (Experimento 1), mas não em função das diferentes condições de magnitude do reforçador (Experimento 2). Essa pesquisa indica que a relação de controle entre a condição antecedente e a resposta verbal autoclítica é um fator relevante para a ocorrência desta resposta, apresentando uma definição natural para o fenômeno da dúvida, frequentemente explicado por meio de processos insubstanciais tais como insegurança e falta de confiança, por exemplo.

Nos estudos de Martins (2014) e Martins (2019), os autoclíticos relacionais e qualificadores de equivalência - o “é”, foram manipulados no contexto de tarefas de discriminação condicional e equivalência de estímulos. Ambos os estudos utilizaram o procedimento de matching-to-sample (MTS), com a presença do autoclítico “é” orientando a emissão de respostas nos participantes. Em Martins (2014), o objetivo era verificar como a presença do autoclítico “é” nas instruções influenciaria a formação de novas classes de

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

equivalência de estímulos e o número de tentativas necessárias para aprender a discriminação condicional. Participando do estudo 20 adultos, os resultados indicaram que o grupo que emitiu o autoclítico teve um desempenho superior, com mais respostas corretas e menor número de tentativas. De maneira similar, Martins (2019) onde participaram 25 adultos no estudo, verificou que o autoclítico "é" facilitou o desempenho em tarefas de discriminação condicional e equivalência de estímulos, reduzindo o número de tentativas necessárias para atingir o critério de aprendizagem. Esses dois estudos corroboram com a tese de que a presença de autoclíticos qualificadores podem melhorar a precisão nas tarefas comportamentais de discriminação, assim como sugerido por Gomes (2020) no que se refere ao aumento da diversidade das respostas de fuga.

Em termos de convergências, todos os estudos demonstraram que os autoclíticos exerceram um efeito facilitador sobre o comportamento verbal ou não verbal dos participantes. Eles atuaram como um recurso verbal poderoso que pode modificar a maneira como os indivíduos executam respostas comportamentais. Além disso, os autoclíticos desempenham um papel importante na modelação de respostas, seja para aumentar a precisão das respostas de discriminação (Martins, 2019 e 2014), para aumentar a tolerância à dor (Sousa, 2022), ou para expandir a variedade das respostas de fuga (Gomes, 2020). Outra convergência importante é que todos os estudos apontam para a relevância dos autoclíticos qualificadores (como "é", "muito frio" e "talvez") na facilitação do desempenho dos participantes, destacando a flexibilidade do comportamento verbal autoclítico em diferentes contextos experimentais.

Porém, existem divergências nos tipos de autoclíticos estudados, nos delineamentos experimentais e nas variáveis dependentes. Enquanto Martins (2019) e Martins (2014) investigaram autoclíticos de natureza relacional e qualificadora, outros estudos, como Sousa (2022) e Gomes (2020), exploraram o impacto dos autoclíticos em respostas comportamentais não verbais, como tolerância à dor e respostas de fuga. Além disso, os delineamentos utilizados

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

variam, com estudos como o de Carvalho (2023) e Sousa (2022) adotando delineamentos intra-sujeito, enquanto Martins (2019) e Martins (2014) utilizam delineamentos de grupos. Essas variações metodológicas resultam em diferentes enfoques analíticos, mas todos convergem na ideia de que o uso de autoclíticos melhora o desempenho, seja em contextos verbais ou não verbais.

Os estudos de Garcia (2013), Albanezi (2022), Borba *et al.* (2016) e Almeida (2009) apresentaram abordagens distintas no uso de autoclíticos verbais, mas convergiram na ideia de que o comportamento verbal autoclítico exerce um controle significativo sobre os comportamentos verbais e não verbais. Garcia (2013) investigou o impacto de sequências de intraverbais contendo autoclíticos sobre o controle de comportamentos não verbais, como o ato de coçar. Participaram desse estudo 10 participantes, 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, com idade entre 18 e 30 anos. A variável independente foi a intervenção com sequências intraverbais ou formação de classes de estímulos equivalentes, enquanto a variável dependente foi o comportamento de coçar. O estudo utilizou um delineamento de medidas repetidas, e os resultados indicaram que as sequências intraverbais com autoclíticos foram mais eficazes do que a formação de equivalência de estímulos para estabelecer o controle sobre o comportamento não verbal. A presença do autoclítico nas sequências verbais facilitou a resposta comportamental desejada, sugerindo que o controle verbal pode ser uma ferramenta eficaz para modelar comportamentos não verbais.

De maneira similar, Albanezi (2022) focou na introdução de autoclíticos em tarefas de relações condicionais de equivalência de estímulos, com a variável independente sendo a inserção do autoclítico nas fases de treino e teste. A variável dependente foi o número de tentativas e o número de respostas corretas. Participaram do estudo 12 indivíduos. O delineamento experimental foi de medidas repetidas, e os resultados mostraram que a introdução de autoclíticos não melhorou significativamente o desempenho dos participantes,

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

com a maioria apresentando aumento nas tentativas e diminuição nas respostas corretas. Esse estudo, embora investigue o impacto dos autoclíticos nas relações condicionais, revelou um efeito negativo no desempenho das tarefas, o que sugere que a utilização de autoclíticos podem ter efeitos complexos e dependentes do contexto experimental.

Borba *et al.* (2016) investigaram o efeito de uma intervenção comportamental via cuidadores para o ensino de tato com autoclítico em crianças com TEA. A variável independente foi a intervenção comportamental conduzida pelos cuidadores, utilizando o procedimento de Ensino por Tentativas Discretas (DTT). A variável dependente foi o percentual de respostas independentes de tato com autoclítico. Participaram deste estudo 3 crianças com diagnóstico de TEA. O delineamento experimental foi de linha de base múltipla, e os resultados indicaram que a intervenção foi eficaz no aumento do repertório de tato com autoclítico, com as crianças alcançando 100% de precisão nas respostas. Esse estudo destaca como os autoclíticos verbais podem ser ensinados de maneira eficaz em contextos de intervenção com crianças, especialmente no contexto do TEA, e demonstra que intervenções bem estruturadas podem ter sucesso em modificar o comportamento verbal das crianças a longo prazo.

Por fim, o estudo de Almeida (2009) investigou a influência de descrições verbais com autoclíticos sobre o comportamento de escolha entre alternativas de reforçamento menor e imediato ou maior e atrasado. A variável independente foi a presença de descrições verbais com ou sem autoclíticos qualificadores, e a variável dependente foi o padrão de escolha dos participantes. Participaram deste estudo 14 indivíduos. O delineamento experimental utilizado foi o de escolha concorrente, e os resultados mostraram que as descrições verbais com autoclíticos qualificadores influenciaram o comportamento de escolha dos participantes, com a reversão dos padrões de preferência por reforçadores atrasados observada em 7 dos 15 participantes. Esse estudo enfatiza como autoclíticos qualificadores podem influenciar as decisões comportamentais,

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

modelando a preferência dos participantes em relação a reforçadores de diferentes magnitudes e tempos de entrega.

Apesar das diferenças nas abordagens e nos contextos experimentais, os estudos convergem na ideia de que o autoclítico tem um impacto importante sobre os comportamentos, seja na modelação de comportamentos verbais (como o tato ou a descrição verbal), seja na influência sobre comportamentos não verbais, como a escolha entre alternativas de reforçamento ou a resposta de coçar. Em termos de convergência, todos os estudos reconhecem que os autoclíticos verbais atuam como variáveis modificadoras no comportamento, afetando tanto respostas verbais quanto não verbais, de maneiras variadas. Por exemplo, os estudos de Borba *et al.* (2016) e Garcia (2013) mostram como os autoclíticos podem modificar respostas não verbais (como a resposta de coçar ou a emissão de tato com autoclítico), enquanto Almeida (2009) e Albanezi (2022) observam como os autoclíticos podem alterar comportamentos de escolha e desempenho em tarefas.

Contudo, existem também divergências entre os estudos. Garcia (2013) e Borba *et al.* (2016) encontraram efeitos positivos da introdução de autoclíticos, sendo que os primeiros destacaram o controle verbal sobre comportamentos não verbais e os segundos enfatizaram a eficácia da intervenção com cuidadores. Em contraste, Albanezi (2022) apresentou resultados que indicaram um efeito negativo dos autoclíticos sobre o desempenho em tarefas de equivalência de estímulos, o que sugere que, dependendo do contexto, o uso de autoclíticos pode não ser sempre benéfico. Já Almeida (2009) mostrou que os autoclíticos qualificadores, especialmente os negativos, podem influenciar o comportamento de escolha de maneiras complexas, sugerindo que os efeitos dos autoclíticos não são lineares e podem depender de fatores como tipo de tarefa e relação entre estímulos verbais e escolhas.

Esses estudos indicaram que o comportamento verbal autoclítico é um operante importante no controle de comportamentos, mas que sua eficácia pode

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

dependem de variáveis contextuais e individuais. A investigação dos efeitos dos autoclíticos verbais em diferentes contextos experimentais, como o ensino de fatos com autoclíticos (Borba *et al.*, 2016), a modelação do comportamento não verbal (Garcia, 2013), a tarefa de equivalência de estímulos (Albanezi, 2022) e o comportamento de escolha (Almeida, 2009), ofereceram uma compreensão mais ampla de como essa classe de comportamentos verbais pode ser aplicada para modificar respostas em diferentes cenários de aprendizagem e decisão.

Outros estudos Santos e Souza (2021) e Spatafora (2022) que visaram revisar o operante verbal autoclítico foram encontrados destacando pontos consideráveis para o presente estudo. A comparação entre esses artigos, Santos e Souza (2021) e Spatafora (2022) revelam tanto convergências quanto divergências importantes, além de destacar diferenças no tipo de pesquisa e foco. Ambos os estudos são revisões, mas enquanto Santos e Souza (2021) realizaram uma revisão sistemática com ênfase em artigos experimentais sobre repertórios autoclíticos, Spatafora (2022) conduziu uma revisão bibliográfica mais ampla, considerando artigos de diversas bases de dados. Em termos de objetivos, Santos e Souza (2021) focaram em preencher lacunas nas revisões anteriores sobre autoclíticos, sugerindo que mais estudos sejam feitos sobre qualificadores e quantificadores, além de investigar o papel dos autoclíticos na resolução de problemas. Spatafora (2022), por outro lado, buscou explorar a aplicação do autoclítico em comportamentos verbais, discutindo sua função como variável dependente e independente, com foco no impacto no ensino e na generalização de comportamentos verbais.

Ambos os estudos convergem ao destacar o Método de Ensino de Tato (MET) como o procedimento mais utilizado para o ensino de repertórios autoclíticos e o autoclítico relacional como o tipo mais investigado. Além disso, ambos indicaram lacunas na pesquisa, sugerindo que mais estudos sejam feitos, especialmente em contextos de crianças com desenvolvimento típico (Santos e Souza, 2021) ou sobre o impacto dos autoclíticos na generalização de

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

comportamentos (Spatafora, 2022). No entanto, as abordagens metodológicas diferem: enquanto Santos e Souza (2021) se concentraram em estudos experimentais com um foco maior em crianças com desenvolvimento atípico, Spatafora (2022) ampliou a discussão sobre a aplicação dos autoclíticos em diversos contextos e tipos de variáveis (dependente e independente). Além disso, Spatafora (2022) ofereceu uma análise mais profunda sobre como os autoclíticos podem modificar outros comportamentos verbais, enquanto Santos e Souza (2021) enfatizaram a expansão das pesquisas sobre mecanismos comportamentais envolvidos. Ambos, no entanto, apontaram para a necessidade de mais pesquisas para aprofundar o entendimento sobre os autoclíticos e seu impacto no comportamento verbal.

CONCLUSÃO

O estudo dos autoclíticos tem sido fundamental para compreender como as variações no comportamento verbal podem influenciar e ser influenciadas por respostas não verbais em diferentes contextos experimentais. A pesquisa focou em como os autoclíticos impactam tanto comportamentos verbais como não verbais, como gestos, expressões faciais e respostas fisiológicas, nos mais variados cenários de intervenção, leitura, tolerância à dor e tomada de decisões. Este estudo visou, assim, proporcionar uma análise detalhada das variáveis independentes, variáveis dependentes, delineamentos experimentais, populações e resultados apresentados nos estudos que investigaram o impacto dos autoclíticos.

Foram analisados 15 artigos, abrangendo uma diversidade de metodologias, populações e contextos experimentais. A maioria desses estudos investigou os autoclíticos qualificadores (como "provavelmente", "talvez", "muito frio", "boa", "é"), e todos demonstraram um efeito facilitador sobre o comportamento verbal ou não verbal, evidenciando que os autoclíticos atuam

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

como um importante modificador do comportamento, seja para aumentar a precisão de respostas (como na discriminação condicional), seja para facilitar a execução de tarefas (como na leitura ou no controle da dor).

Em termos de variáveis independentes, os estudos abordaram principalmente o impacto de reforços verbais, estímulos antecedentes (autoclíticos) e manipulações contextuais (como controle de estímulos e magnitude do reforço). Já as variáveis dependentes foram variadas, envolvendo desde o comportamento verbal (emissões de respostas qualificadoras como "talvez") até respostas comportamentais não verbais (como tempo de leitura, tolerância à dor, ou resposta de fuga). O delineamento experimental também variou significativamente: enquanto alguns estudos usaram delineamentos de linha de base múltipla (como os de Hübner *et al.*, 2008 e Sheyab *et al.*, 2014), outros adotaram delineamentos de medidas repetidas (como os de Garcia, 2013 e Borba *et al.*, 2016) ou AB com múltiplos casos (Carvalho, 2023). As populações analisadas foram diversificadas, abrangendo desde crianças com desenvolvimento típico e atípico, a partir dos 6 anos, até adultos saudáveis, com idades médias em torno de 30 anos.

Em termos de resultados, a análise revelou que os autoclíticos qualificadores tiveram um impacto significativo sobre o comportamento dos participantes em todos os estudos. A utilização de autoclíticos, como "talvez" e "muito frio", mostrou aumentar a precisão nas tarefas de discriminação (Martins, 2014; Martins, 2019), ampliar a variedade das respostas de fuga (Gomes, 2020), melhorar a tolerância à dor (Sousa, 2022), e até mesmo influenciar o comportamento de escolha (Almeida, 2009). Em relação ao impacto sobre o comportamento não verbal, estudos como o de Gomes (2020) mostraram que os autoclíticos podem modificar a taxa e a diversidade de respostas não verbais, enquanto outros, como os de Garcia (2013) e Borba *et al.* (2016), destacaram a influência dos autoclíticos em comportamentos como o ato de coçar e a emissão de respostas de tato com autoclíticos.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

No entanto, também foram observadas divergências. Enquanto alguns estudos apresentaram resultados consistentes sobre a eficácia dos autoclíticos, como os de Hübner *et al.* (2008) e Sheyab *et al.* (2014), que mostraram um aumento significativo no tempo dedicado à leitura, outros, como o de Albanezi (2022), sugeriram que o impacto dos autoclíticos pode ser dependente do contexto experimental, com resultados negativos em algumas condições. Além disso, o estudo de Carvalho (2023) mostrou que o controle de estímulos teve maior impacto na emissão de respostas "talvez", ao passo que a magnitude do reforço não exerceu um efeito significativo, indicando que os efeitos dos autoclíticos podem ser modulados por variáveis contextuais.

A presente revisão sobre os repertórios autoclíticos evidencia que este é um campo em fase de desenvolvimento dentro da análise do comportamento, mas com grande potencial para avanços substanciais. Os resultados obtidos indicam a eficácia de determinados procedimentos de ensino desses repertórios, ao mesmo tempo em que sugerem questões de pesquisa que podem expandir o entendimento das variáveis envolvidas na aquisição e no desenvolvimento do comportamento autoclítico. Tais achados oferecem contribuições significativas para profissionais que interessam no campo de estudo – autoclítico, fornecendo diretrizes para a elaboração de programas de ensino que integrem repertórios autoclíticos. Ademais, os resultados indicam áreas ainda pouco exploradas, que se configuram como potenciais objetos de investigações futuras, ampliando as possibilidades de aplicação prática e o aprofundamento teórico do tema.

VERBAL BEHAVIOR: A REVIEW OF EXPERIMENTAL STUDIES ON AUTOCLITICS

ABSTRACT

This study addresses the autoclitic verbal operant, a class proposed by Skinner (1957) that models the function of other verbal behaviors. The research reviews the main experimental



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

investigations on this behavior, aiming to analyze the key aspects studied, both in terms of the structuring of the studies and their content. The main designs used to study this verbal operant, as well as aspects related to the experimental procedures, were analyzed. The primary direction of studies aimed at a better understanding of autoclitics was also examined, as well as the role of this verbal operant in the establishment of other behavioral processes, such as conditional discrimination, the establishment of non-verbal behaviors, pain tolerance, and decision-making. Although the results consistently demonstrate the involvement of the autoclitic in various processes, differences mainly related to the constitution of the experimental context of the experiments indicated the need for additional investigations that contain methodology specifically developed to advance the knowledge of this verbal operant. From this work, it is concluded that autoclitics are relevant in the field of Behavior Analysis, and directions for future research are pointed out, focusing on (1) the variables involved in the acquisition and maintenance of this verbal repertoire and (2) the broad involvement of the autoclitic in various behavioral processes. The findings presented aim to systematize the theoretical advancement in the field, offering an overview of the main approaches on the topic and highlighting their implications for academic and professional practice.

Key-words: Verbal Behavior; autoclitic; experimental studies; independent variables; dependent variables.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paola E. M. **Comportamento verbalmente controlado: uma análise do efeito de operantes verbais autoclíticos sobre o comportamento de escolha.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ALBANEZI, Renan Miguel. **Efeito de resposta verbal autoclítica na aquisição de relações condicionais e classes de equivalência.** 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

ATHAYDE NETO, Celso Aparecido. **Relações empíricas entre o operante verbal autoclítico e o comportamento não verbal: efeitos da história de reforçamento de tatos puros e tatos distorcidos.** 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

AUGUSTO, C. A. et al. **Pesquisa qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011).** Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 51, n. 4, p. 745–764, out. 2013.

BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução.** Porto Alegre: Artmed, 2019.

BORBA, Marilu Michelly Cruz de et al. **Efeito de intervenção via cuidadores sobre aquisição de tato com autoclítico em crianças com TEA.** Revista Brasileira de Terapias Comportamentais e Cognitivas, v. 1, p. 45-56, 2016.

CATANIA, A. C. **Autoclitic processes and the structure of behavior.** Behaviorism, v. 8, p. 151–194, 1980.

CARVALHO, K. A. (2023). **Efeitos do controle de estímulo e da magnitude do reforçador sobre a frequência do operante verbal autoclítico descritivo.** (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos** In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987. v. 4, 5.

GARCIA, M. R. **Controle instrucional do autoclítico quando utilizado em tarefas de formação de classes de estímulos equivalentes e em tarefas de sequência intraverbais.** 2013. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GREENHALGH, Trisha; THORNE, Sally; MALTERUD, Kirsti. **Time to challenge the spurious hierarchy of systematic over narrative reviews?** European Journal of Clinical Investigation, v. 48, p. e12931, 2018. DOI: 10.1111/eci.12931.

GOMES, Felipe Pereira. **Efeitos de histórias com autoclíticos e de reforçamento sobre respostas não verbais em crianças.** 2020. Tese



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

(Doutorado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

HÜBNER, M. M. C. **Comportamento verbal de ordem superior: análise teórico-empírica de possíveis efeitos de autoclíticos sobre o comportamento não verbal.** 2013. Tese (Livre Docência) – Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HÜBNER, M. M. C.; AUSTIN, J.; MIGUEL, C. F. **Os efeitos do elogio de autoclíticos qualificadores na frequência de leitura.** Analysis of Verbal Behavior, v. 24, p. 55–62, 2008.

LOPES JÚNIOR, J. **Behaviorismo radical, epistemologia e problemas humanos.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 14, n. 1-3, p. 34–39, 1994.

MARTINS, L. A. L. **Efeito do autoclítico qualificador “é” em treinos de discriminação condicional e teste de equivalência de estímulos.** 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental, São Paulo.

MARTINS, L. A. L. **Efeitos de verbalizações do autoclítico “É” durante treinos e testes de discriminações condicionais e de relações de equivalência.** 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental, São Paulo.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos da análise do comportamento.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se Pessoa.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

SANTOS, A. C.; SOUZA, M. P. **Comportamento autoclítico**: revisão sistemática de estudos experimentais. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 23, 2021.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (obra original publicada em 1953).

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

SHEYAB, M.; PRITCHARD, J.; MALADY, M. **An Extension of the Effects of Praising Positive Qualifying Autoclitics on the Frequency of Reading**. The Analysis of Verbal Behavior, v. 30, n. 2, p. 141–147, 2014.

SOUSA, Paula Teixeira Andrade. **Efeitos de estímulos verbais na dor**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SPATAFORA, G. **Uma revisão bibliográfica dos estudos experimentais realizados sobre autoclíticos**. Análise do Comportamento - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

ZILIO, Diego; CARRARA, Kester. **Mentalismo e explicação do comportamento**: aspectos da crítica behaviorista radical à ciência cognitiva. Acta Comportamentalia, v. 16, p. 399-417, 2008.